

*Carta dirigida à Senhora Merkel pelo economista José Maria Castro Caldas, um dos responsáveis pela Iniciativa da Auditoria Cidadã à Dívida*

Senhora Merkel, Chanceler da Alemanha

Venho pedir-lhe, por ocasião da visita que em breve nos fará, para levar consigo na partida uma breve mensagem aos seus concidadãos. Eis o que gostava que lhes transmitisse:

Sabemos que na década passada os vossos governos vos disseram que tinham de abrir mão de parte dos salários para preservar o futuro do vosso Estado social. Disseram-vos, e vocês acreditaram, que se prescindissem de uma pequena parte do rendimento presente vos tornaríeis “mais competitivos”, e que dessa forma o vosso país poderia obter uma poupança capaz de sustentar as vossas pensões e os direitos sociais dos vossos filhos no futuro.

Sabemos que a década passada não foi fácil para vós e que o vosso país se tornou desde então menos bonito e mais desigual. Sabemos também que o objetivo pretendido foi conseguido. Que a Alemanha se tornou “mais competitiva”, exportou muito, importou menos e mais barato, conseguiu grandes excedentes da balança de pagamentos e acumulou poupança nos vossos bancos.

Nós sabemos, mas vocês talvez não saibam, porque isso não vos é dito pelos vossos dirigentes, que esse dinheiro acumulado nos vossos bancos foi por eles aplicado, à falta de melhor alternativa, em empréstimos a baixo juro aos bancos do Sul da Europa, entre os quais os bancos portugueses, e por estes emprestado de novo com muita publicidade e matreirice a famílias do Sul cujos salários também não cresciam por aí além, mas que desejavam ter casa, carro e um modo de vida parecido com o vosso.

As nossas economias, sujeitas à concorrência criada pela globalização que tanto convinha às vossas empresas exportadoras, cresciam pouco. Mas o crédito que os vossos bancos nos ofereciam, por intermédio dos nossos, lá ia permitindo que as nossas famílias tivessem acesso a bens de consumo, muitos deles com origem nas vossas empresas exportadoras. Durante algum tempo este estado de coisas parecia ser bom para todos.

Quando em 2008 todas as bolhas começaram a estoirar, os vossos bancos descobriram que não podiam continuar a arriscar tanto e cortaram o crédito aos bancos do Sul e mesmo aos Estados. Se a União Europeia não tivesse decidido que nenhum banco podia abrir falência, responsabilizando os Estados pelas dívidas bancárias, teríamos assistido a uma razia quer dos bancos endividados, quer dos bancos credores. Mas a UE decidiu que os governos iam “resgatar” os bancos e que depois ela própria, com o BCE e o FMI, “resgatariam” os Estados. Foi desta forma que os vossos bancos, que haviam emprestado a juros baixos para lá de todos os critérios de prudência, se salvaram eles próprios da falência. Foi assim que eles conseguiram continuar a cobrar os juros dos empréstimos e a obter a sua amortização.

Doutra forma, teriam falido. Talvez vocês não saibam, mas os empréstimos concedidos à Grécia, à Irlanda e a Portugal são na realidade uma dívida imposta aos povos destes países para “resgatar” os vossos bancos.

Talvez vocês não saibam também que até agora o vosso Estado, todos vós como contribuintes, não gastaram um euro que fosse nos “resgates” à Grécia, à Irlanda e Portugal. Até agora, o vosso governo concedeu garantias a um fundo europeu que emite dívida a taxas quase nulas para emprestar a 3 ou 4% aos países “resgatados”.

Talvez vocês não saibam que em breve este estado de coisas pode vir a alterar-se. A austeridade imposta em troca de empréstimos está a arrasar os países “resgatados”. Em

breve, estes países chegarão ao ponto em que terão de suspender o serviço da dívida. Nessa hora, haverá perdas, perdas pesadas para todos, contribuintes alemães incluídos. Talvez vocês não saibam, mas no final, todo o esforço que haveis feito na década passada para tornar a Alemanha “competitiva” e excedentária pode esfumar-se num ápice. Afinal os vossos excedentes são os nossos défices, os créditos dos vossos bancos são as nossas dívidas. Os vossos dirigentes deviam saber que uma economia é um sistema e que a economia do euro não é exceção. Quando as partes procuram obter vantagens à custa umas das outras, o resultado para o conjunto e para cada uma delas não pode deixar de ser desastroso.

Talvez vocês não saibam, mas os vossos dirigentes andam a enganar-vos há muito tempo.

Perdoe-me, senhora Merkel, se entre uma e outra palavra deixei transparecer amargura em excesso. É que não sou capaz de o esconder: o espetáculo de uns povos contra outros é para mim insuportável, sobretudo quando afinal todos eles se debatem com um problema que é comum – o da finança que governa com governos ao serviço de 1% da população, como o seu e o nosso. À memória ocorrem-me tragédias passadas que deviam ser impensáveis. Concordará comigo pelo menos num ponto: é preciso evitar esses inomináveis regressos ao passado.

*José Maria Castro Caldas*